

CIÊNCIA & SAÚDE

PRESERVAÇÃO

Os sábios do manguezal

Nos mangues metropolitanos de Vitória, comunidade local e cientistas se unem a favor do meio ambiente

Fotos: André Alves/Usina de Imagens



Caranguejeiro vasculha o mangue: contato com os acadêmicos levou muitos dos catadores a mudar hábitos e respeitar o período de reprodução dos animais

EDUARDO GERAQUE
de Vitória

Asabedoria não veio da forma convencional, por intermédio da erudição, mas nem mesmo os grandes pesquisadores da área ousariam desafiá-los para um diálogo sobre as marés e o conhecimento dos manguezais. O aprendizado é calcado no empirismo, no contato diário com a natureza, no cheiro do ambiente, nas influências das fases da lua, na oscilação das ondas e na força dos ventos. A etnologia dos caranguejeiros dos manguezais de Vitória, no Espírito Santo, não mostra apenas os costumes tradicionais de uma das comunidades que lutam nesta virada de século para não ser soterradas pelo duvidoso progresso. Nos últimos 20 anos, o manguezal virou refém da explosão demográfica e, entre outros fatores de risco, ficou exposto à poluição ambiental. Sobre- viver exclusivamente do caranguejo se tornou praticamente impossível.

Na mesma medida em que se sentem familiarizados com o funcionamento do manguezal (nome utilizado hoje em português para designar todo o ecossistema, enquanto mangue é usado apenas para as formações vegetais), os caranguejeiros também conhecem os graves problemas do ambiente que os cerca. Por isso trataram de se organizar para poder reagir e sobreviver. "Estamos tentando remar contra o vento, que bate forte no peito", costumam dizer. A luta começou em 1998, quando dezenas de caranguejeiros se organizaram em uma associação e, com o auxílio de pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), passaram a se preocupar com os aspectos do desenvolvimento sustentável. Agora, viver do mangue, pelo menos em tese, deixou de ser um sonho escrito na areia que havia sido apagado

Segundo pesquisador, em Vitória são capturadas 53.440 dúzias de caranguejo/ano

perfeitamente no conceito de comunidades neotradicionais. Na análise do biólogo e fotógrafo André Alves, a organização dos caranguejeiros por meio de uma entidade representativa é a única saída para eles. André incentivou a sociedade, ao lado da professora Tânia Mara do Carmo, da Ufes. "É a única alternativa para que suas tradições sejam mantidas no futuro." Carioca radicado em Vitória, André defendeu sua dissertação de mestrado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), intitulada "Os argonautas do mangue: uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória, Espírito Santo". "Por ser um grupo organizado, possui uma maior coesão, embora esteja cercado de problemas. Eles têm pelo menos uma maior consciência de sua identidade e lutam para preservá-la", diz o biólogo.

Apesar da ligeira melhora na renda familiar nos últimos dois anos, a quantidade de caranguejos vendidos



Com o aumento da miséria, cresce o número de pessoas que procuram sustento no manguezal

lha confeccionada a partir de fitas de plástico retiradas dos sacos de rafia (palmeira de origem africana que dá boa fibra) — é famoso. Os sacos são desfiados e os fios amarrados nas duas extremidades. Além disso, quase nunca respeitam os caranguejos jovens e as fêmeas "ovadas".

Zé Maiado, apesar de ser conhecido como um dos sábios do manguezal de Vitória, por sua habilidade no remo e na arte da pesca, não nasceu por lá. Ele e grande parte de seus companheiros vieram de outras redondezas, do norte do Espírito Santo, do Nordeste ou até mesmo de Minas Gerais. Apesar da ausência de uma relação mais tradicional com o lugar, já faz quase 30 anos que Zé Maiado habita a região, e esse tempo foi suficiente para que ele e outros migran-

tes se afeioassem ao manguezal.

Como não são nativos, mas utilizam técnicas artesanais de pesca e captura de caranguejo adquiridas em suas terras, os grupos de catadores do litoral capixaba se encaixam

no final da jornada de trabalho ilustra bem o grau de devastação ambiental e social da região. Segundo Tânia Mara, que também desenvolve trabalhos ecológicos e educacionais na comunidade, nos bons tempos — "antes dos anos 80" — se conseguia, em um período de quatro dias, coletar 80 dúzias de caranguejo (em Vitória predomina a espécie *Ucides cordatus*). Hoje, no mesmo intervalo de tempo, a produção não passa de 30 dúzias. A desfiguração social do ambiente também está registrada no estudo de André Alves. Por causa da diminuição da população de crustáceos na região da Grande Vitória, surge uma verdadeira encruzilhada de problemas em meio à comunidade. Abandonar aquela forma de sustento, passar a usar técnicas predatórias, já que todos estavam usando, ou partir para um emprego na cidade? Na verdade, atesta Alves, os três caminhos foram seguidos. Alguns passaram a usar a redinha, outros foram para a cidade e o terceiro grupo, ainda o maior, permaneceu usando técnicas de pesca tradicionais e aderiu à defesa do meio ambiente.

"Sei a hora exata que eles vão começar a andar", afirma, com brilho



As desfiadeiras de siri se organizaram em cooperativa

nos olhos, Zé Maiado, que além da coleta no mangue também trabalha como segurança em um forró na periferia de Vitória. Normalmente, considerando o período de 12 meses de atividades, a frequência de esforço de pesca de caranguejo acompanha seu ciclo de vida.

As "andadas" ocorrem durante cinco dias por mês, no período compreendido de janeiro a abril, no caso brasileiro. Nessa época, os machos e as fêmeas deixam suas tocas para a reprodução. Antes da primeira "andada" do ano, os animais costumam espumar, sinalizando o cio, o que, segundo os caranguejeiros, deixa um cheiro bom no mangue. O processo é deflagrado pela primeira lua do ano. Se ela for cheia, por exemplo, o ritual irá se repetir nos próximos meses, sempre na mesma lua. "O mangue fica forrado de caranguejos", diz Zé Maiado.

Uma das mudanças no hábito dos catadores depois do contato com os acadêmicos ocorreu exatamente durante a "andada", período em que normalmente tem até caranguejo entrando na casa dos moradores ribeirinhos. Para garantir a reprodução e a continuidade da espécie, a comunida-



Caranguejo uçá: comum na região

de não pesca mais durante este fenômeno. Até maio, todas as fêmeas já terão desovado. Em geral, cada caranguejo fêmea — os caranguejeiros usam o termo "carangueja" — chega a colocar na água milhares de ovos, mas só uma porcentagem muito pequena é que vai se desenvolver. A fase larval dura dois meses, e só depois deste período é que o animal vai para a lama. Os adultos, durante o inverno, se entocam para engordar.

Quando chega a primavera, os caranguejos trocam o seu exoesqueleto, a carapaça calcária que envolve o corpo. Como eles secretam um líquido branco, antes da troca do casco, os caranguejeiros costumam dizer que os animais "vão ficar de leite". Os adultos passam por este processo apenas uma vez por ano. É exatamente entre os meses de outubro e novembro que os caranguejos crescem e, portanto, precisam ser preservados. Os catadores, entendendo o processo, resolveram cumprir a norma estabelecida pela própria comunidade científica. Para garantir uma renda fixa maior neste período sem coleta, passaram a organizar, a partir do começo deste mês, passeios pelo manguezal com turistas interessados em conhecer a região. Depois do projeto piloto, eles estão agora tentando arrecadar recursos para comprar os barcos e, assim, conseguir fazer com que esta atividade, que também conta com o apoio dos pesquisadores da Ufes, ocorra de forma mais frequente.

Não são apenas os homens que vão ao mangue. As mulheres também participam de arte desse trabalho. Um grupo, depois que os maridos pescam o siri, ajuda a desfiar a carne dos animais. Elas são conhecidas como desfiadeiras, e também já se organizaram em uma cooperativa, desta vez com o apoio da prefeitura local.

Outra atividade muito tradicional na região de Vitória, principalmente no bairro das Goiabeiras, é a cerâmica. As chamadas paneleiras produzem panelas de barro que são muito utilizadas pelos restaurantes da cidade para o preparo, por exemplo, da moqueca e outros pratos típicos. Para ser mais resistente, a panela precisa ser banhada em tanino, substância adstringente encontrada em certos vegetais, como árvores de mangue, que serve para curtir couros e outros materiais.

Os casqueiros são os responsáveis pela extração do tanino. Como neste

caso o número de pessoas que passou a viver desta atividade aumentou bastante, o impacto sobre o manguezal também preocupa os pesquisadores e os catadores de caranguejos. Para reduzir as consequências danosas, Tânia Mara desenvolveu junto com sua equipe um trabalho para identificar quanto da circunferência da casca da árvore pode ser retirado para que ela não morra prematuramente. "Passamos a informar aos cas-

queiros que, se apenas 25% da circunferência fossem retirados, não haveria problema", diz Tânia, que apresentou os resultados deste trabalho no V Simpósio de Ecossistemas Brasileiros, realizado em Vitória, na primeira quinzena do mês. Para que o sustento dos catadores, pescadores e paneleiras da Grande Vitória combine com a sobrevivência do ecossistema do manguezal, quatro elementos são fundamentais: a pesquisa, a educação, a legislação e a informação pública, observa a pesquisadora.

A história da ocupação dos manguezais de Vitória (cidade que teve um salto populacional de 45.212 habitantes em 1940 para 207.560 em 1980, e que, assim como São Paulo, terá sérios problemas com água potável nas próximas três décadas) não é a única do Brasil. Esse ecossistema, que tem importância fundamental em todo o processo biótico e abiótico dos ambientes marinhos, vem sendo invadido por grandes empreendimentos imobiliários ou pelo crescimento desordenado das cidades costeiras, a partir de Laguna, em Santa Catarina, onde se verifica a ocorrência mais austral de manguezais no Brasil.

Segundo cálculos realizados por André Alves, em parceria com os caranguejeiros, nos manguezais de Vitória são capturadas 53.440 dúzias de caranguejo por ano. Com um preço médio de R\$ 5,00 a dúzia, chega-se a uma renda anual para o grupo de R\$ 276 mil. A conta, se extrapolada para os outros municípios da Grande Vitória, cai para R\$ 104 mil, divididos anualmente entre um grupo de 200 pessoas.

No caso de Vitória, avaliam os pesquisadores envolvidos no projeto, como a demanda pelos crustáceos vem ultrapassando os limites da produção, apenas a consciência ecológica da comunidade poderá manter estes números, nos próximos anos. "Vamos fazer tudo para preservar o lugar", diz Antônio Carlos dos Santos, o Gringo, pescador da região. Outro ponto importante é o papel do poder público, que deve fazer valer as leis ambientais do país.

A cooperação com a universidade ainda é o melhor instrumento de defesa para os catadores e outras comunidades tradicionais, afirmam os pesquisadores, para reagir e cobrar seus direitos quando há, por exemplo, algum acidente grave em áreas de manguezais, como a contaminação por derramamento de petróleo.